CMP 2.1.6.108

Há 40 anos São Paulo desafiava Vargas

FLAVIO GALVÃO

Hoje, 23 de maio, milhares e milhares de paulistas transitarão normalmente, como fazem todos os dias, a caminho do trabalho ou de volta à casa, pela avenida 23 de Maio, essa majestosa via publica que a Cidade ficou a dever à administração do brigadeiro Faria Lima.

Desses, quantos terão pensado na data evocada nas placas ao longo da avenida? Quantos terão recordado os acontecimentos que se verificaram nesta Capital, há 40 anos, com repercussão em todo o País? Ou, mais precisamente, quantos, em todo S. Paulo, saberão o que foi o 23 de maio, na sua expressão factica e no seu significado politico?

A cada ano que passa, com o desaparecimento dos que participaram dos acontecimentos, a memoria destes se vai esfumando, o significado deles vai sendo esquecido e, sobretudo, vão surgindo versões distorcidas, por malicia ou por ignorancia.

No entanto, o 23 de maio é um marco de importancia não apenas na historia de São Paulo, mas na do País, a evidenciar a incoercivel e insopitavel vocação do povo para a liberdade, contra quaisquer formas de opressão.

Antônio Pereira Lima, um dos remanescentes do pequeno grupo que, efetivamente, comandou os acontecimentos de quarenta anos atrás, sintetiza expressivamente a importancia da jornada de 23 de maio: "Foi a hora decisiva e irreversivel da revolução de 1932".

No processo politico, o 23 de maio tem a mesma dimensão e importancia da Marcha da Familia, movimento basico da Revolução de 1964, em que os civis de São Paulo, sempre na vanguarda, demonstraram às Forças Armadas de que lado estava a opinião publica nacional, reiterando a sua irredutivel oposição aos totalitarismos, em especial então ao de esquerda que ameaçava tragar o País com o apoio do governo.

No 23 de maio de 1932, os civis de São Paulo demonstraram à Nação que não mais se admitiam as restrições impostas à liberdade pela ditadura caudilhesca de Getulio Vargas e que se exigia o restabelecimento, no País, do regime constitucional, da lei e da ordem. O 9 de Julho foi o dia do inicio das hostilidades, com S. Paulo erguendo-se, unanime, de armas na mão, em defesa da liberdade e da Constituição, contra a ditadura. Mas a revolução, efetivamente, se tornou irreversivel no dia 23 de maio de 1932.

Outra nota caracteristica do 23 de maio, que tem sido negligenciada, por ignorancia, ou negada, por malicia, é a participação maciça do povo nos acontecimentos. Adotando um criterio quantitativo para apreciação da importancia das demonstrações populares, menciona-se a Marcha da Familia como a maior até hoje realizada no País, com 500.000 pessoas desfilando pelas ruas de São Paulo.

Mas da mesma magnitude, proporcionalmente, foram as manifestações do 23 de maio e as três que as antecederam e lhes serviram de preparativo, realizadas em 25 de janeiro, em 24 de fevereiro e em 13 de maio de 1932. Basta que se atente para o seguinte: na São Paulo de 1964, com cerca de 5 milhões de habitantes, sairam às ruas, em 19 de março daquele ano, meio milhão de pessoas; na São Paulo de 1932, com cerca de 1 milhão ou menos de habitantes, 100 mil pessoas participaram das manifestações contra a ditadura, pela constitucionalização do País.

ANTECEDENTES

Para que se compreenda a importancia e o significado do 23 de maio é preciso recordar o quadro politico da epoca, em São Paulo

Vitorioso o movimento que, em outubro de 1930 irrompera no Rio Grande do Sul, não pela força das armas, mas pelo golpe representado pela deposição do presidente Washington Luís no Rio, por um grupo de oficiais-generais, não demorou muito para que percebessem os que aqui tinham apoiado a Revolução que esta fôra traida em seus principais e ideais pela camarilha que empolgara o poder.

Por outras palavras, verificaram logo os liberais paulistas que nada se faria pela regeneração politico-administrativa do País, dentro de um regime de liberdade e de constitucionalidade. Implantara-se no Brasil uma ditadura caudilhesca, à feição dos piores modelo, hispano-americanos, que, desde 1889, se vinham infiltrando entre nós.

Ao mesmo tempo em que os partidários do movimento de 1930 afastavam, por impossibilidade de convivência ético-política, da camarilha no poder, o seu Estado recebia desta o tratamento de terra inimiga, conquistada e ocupada. Não se pouparam vexames, humilhações, espezinhamentos ao Estado vanguardeiro da Federação, cuja autonomia foi sumariamente suprimida. Havia que dobrar o Estado de São Paulo, havia que subjugar os paulistas, punindo-os pelo predomínio que, mercê de suas qualidades e de seu trabalho, tinham até então exercido no cenário político da Federação. Era a horda do pampa ou o jagunço da caatinga — isto é, a barbarie — contra a civilização que progredia no Estado bandeirante.

Diante desse estado de coisas, alguns paulistas, uns poucos, decidiram reagir e passar à ação. Não cabe aqui a história de como tal se processou, mas apenas lembrar que, desde o início, nem a articulação exerceu papel de liderança o saudoso diretor desta folha, o jornalista Julio de Mesquita Filho.

A ele, que formara entre os partidários do movimento de 1930 e que logo percebera a fraude que resultara da Revolução de outubro, se uniram outros, não apenas companheiros de grupo, mas também antigos adversários políticos derrubados em 1930 — todos irmanados pelos mesmos princípios e ideais: restauração da liberdade e constitucionalização do País.

Com o embaixador Pedro de Toledo, os membros do Secretariado paulista, formado em 23 de maio de 1932. A fotografia foi tirada no exílio em Lisboa, em princípios de 1933.

Fala diretor de "O Estado"

Encerrada a manifestação na Sé, o povo saiu pelas ruas do centro, em passeata.

A primeira parada da mole humana, que se movia lentamente, foi na rua Boa Vista, defronte da sede do jornal "O Estado de S. Paulo", de onde Julio de Mesquita Filho comandava a articulação democratica.

O jornalista, sob as aclamações populares, fala de uma das sacadas do velho predio, que hoje não mais existe, substituido por um arranha-céu.

Suas palavras merecem ser lembradas:

"Ainda ontem conturbado pelas provações que a hora adversa lhe quis impor, São Paulo sente-se agora forte e revigorado ante o esplendor civico desta manifestação. Ele pôde vacilar, descrer por um instante, da sua missão. Bastou porém que as vozes do passado se fizessem ouvir através das evocações do quarto centenario da fundação de São Vicente, para que as suas energias ressurgissem e se transformassem na decisão viril destes semblantes a duvida e o desalento em que o animo paulista por vezes se abismara.

E que outra atitude convinha às gerações de hoje senão responder às insidias do presente, com esta afirmação de fé inabalavel no futuro? Se acaso alguém procurou enxergar na lentidão com que se processou a mobilização das nossas consciencias sinal irrecorrivel de definitiva decadencia, a magestade desta imensa mole humana há de por força desiludi-lo. A vontade que a anima é aquela mesma vontade que outrora nos levou a dilatar desmedidamente os limites da primeira colonia; a resolução de que se acha possuida em nada difere da decisão serena com que seculos a fio palmilhamos o sertão brasileiro, batendo o gentio e o estrangeiro, disputando a terra os tesouros em seu seio escondidos, e conquistando, palmo a palmo, a floresta, o terreno sobre o qual edificariamos um dos mais belos monumentos da civilização moderna.

A Historia não se compadece dos veredictos levianamente pronunciados. Para se fazer o processo a um povo é mister o recuo necessario às visões de conjunto. Não basta tomar, como ponto de referencia, vitorias falazes, sem significação e alcance. Se sobre ele se quiser pronunciamento seguro, interroguem-se os seculos, procure-se através destes, reconstituir o acervo das suas realizações. Proceda-se a sondagens, a ver até onde mergulham, nas profundezas dos tempos, os alicerces das suas construções. Sem esse trabalho previo, falar em vitoria, é desconhecer que a jornada de Iena trazia em seu bojo os germens de Sadowa e Sedan, da mesma maneira por que estas geraram o milagre do Marne e a epopéia de Verdun. Esta a lição impelavel da Historia. E é porque ela assim se manifesta, que não nos deixamos abater ante a ilusoria significação dos atuais acontecimentos.

O genio paulista agora ofuscado pela passagem fugaz de uma nuvem sem consistencia, refletese, luminoso, em todos os campos da atividade nacional. O seu poder criador se mede pela propria grandeza da comunhão brasileira. Centro agrutinador da nacionalidade, São Paulo resistiu a uma prova quatro vezes secular.

Tão dilatada experiencia vale por uma cabal demonstração de que somos daquela materia dura como o bronze e maleavel como ele, em que a natureza vasou, segundo Mommsen, os povos feitos para resistir aos impiedosos embates da historia e de que nos cabe como um imperativo historico o direito de primogenitura no concerto da nacionalidade.

Não exageramos, senhores, e se por ventura houver quem nessa afirmativa queira ver a explosão do sentimento regionalista, que atente para as consequencias decorrentes da profunda perturbação verificada no nosso organismo e resultantes da presença de corpos estranhos nos seus centros motores. Interrompido assim o ritmo da nossa vida, para logo começou a politica nacional a se processar por acessos epileptiformes, denunciadores de graves lesões nas esferas superiores do sistema nervoso central da nacionalidade.

Anulada a autonomia de São Paulo, o Brasil se transformou num "vasto deserto de homens e de ideas". Quem o afirma é um dos paladinos da revolução. E se o nosso afastamento da direção da coisa publica equivaler à implantação do cáos e da desordem em toda a extensão do territorio nacional, a ordem, a tranquilidade, a disciplina, a confiança no dia de amanhã, em uma palavra, o imperio da lei e da justiça só poderá ser restabelecido no dia em que, tomado o fio da nossa evolução, São Paulo voltar ao seu lugar de lider insubstituivel da nação.

Estará longe o raiar dessa madrugada? Quem ousaria afirmá-lo diante desta imponente multidão???

APLAUSOS A ISIDORO

Vivas ao Brasil e a S. Paulo assinalam o fim do discurso do jornalista e o cortejo prossegue, em meio do entusiasmo da massa. Da rua Boa Vista penetra no Largo de São Bento e desce pela rua Libero Badaró.

Defronte da sede do Automovel Clube, na esquina com a Praça do Patriarca, nova parada, desta feita para aplaudir o general Isidoro Dias Lomes, que assoma a uma das janelas do predio. Ali fala Batista Pereira.

Sempre debaixo do aguaceiro, a multidão enche a Praça do Patriarca. A bandeira paulista, levada pelo povo, colocado por dois escoteiros no tope do lampadário, que na velha praça existia antes de sua completa remodelação.

O advogado Carlos de Moraes Andrade, em inflamada oração, pede que os manifestantes ali assumam o compromisso de não deixar nunca S. Paulo diminuido.

Por ultimo, depois de José Augusto Coste, discursa Antonio Pereira Lima, em nome da comissão organizadora da manifestação. E termina dizendo: "Paulistas, agora que estais em marcha, não vos detenhais e avante!"

Em meio a aclamações e vivas, os manifestantes dirigem-se ao Largo de São Francisco, onde o cortejo se dissolveu em frente da sede da Liga Paulista Pró-Constituinte.

FRENTE UNICA

Na sequencia dos acontecimentos, consolida-se a união dos paulistas pela liberdade, contra a ditadura, com a formação da Frente Unica.

A 16 de fevereiro os diretores do PD e do PRP publicam breve documento, de excepcional importancia:

"A luta entre nós, neste momento, seria uma querela de familia em hora de trevas e opróbrios. Ponham-nos à altura do papel que sempre nos coube no cenario nacional. Unidos, patentearemos aos nossos compatriotas a resolução irredutível em que nos mantemos de nos governar por nós mesmos e de reacender as energias com que temos contribuido para a construção e prosperidade da Pátria".

Assinaram o documento, pelo Partido Democrático: Francisco Morato, seu autor, Henrique Sousa Queiroz, Henrique Bayma, Manfredo Costa, J. J. Cardoso de Melo Neto, Paulo de Moraes Barros, Marrey Junior, J. A. Sampaio Vidal, Francisco Mesquita, H. Lefevre, Aureliano Leite, Paulo Ribeiro da Luz, Joaquim Celidonio Filho, E. B. Carneiro, Plinio Queiroz, Antonio Soares de Lara, Elias Machado, Fabio de Camargo Aranha, A. Rizzo, Vicente Pinheiro, Prudente de Moraes Neto, Cesario Coimbra, Antonio Carlos de Abreu Sodré, Waldemar Ferreira, Orosimbo Loureiro, Antonio Feliciano e Paulo Nogueira Filho; e pelo Partido Republicano Paulista, Antonio de Padua Salles, Rodolfo Miranda, Silvio de Campos, Aguiar Whitaker, Arnolfo Azevedo, Manuel Vilaboim, Ataliba Leonel e Altino Arantes.

As proprias classes conservadoras aderem à Frente Unica. De fora só fica o chamado Partido Popular Paulista, oriundo da Legião Revolucionaria do antigo companheiro do chefe comunista, Luis Carlos Prestes, general Miguel Costa, partidario da ditadura e homem da esquerda.

S. PAULO EXIGE A CONSTITUIÇÃO

No dia 24 de fevereiro, aniversario da Constituição de 1891, primeira lei basica da Republica, a Frente Unica decide realizar nova manifestação popular contra a ditadura, exigindo a constitucionalização do País, com a volta ao regime da lei, e reclamando a autonomia de São Paulo, com a entrega do governo estadual a um paulista e civil.

Repete-se o exito da manifestação de janeiro, novamente com cerca de 100.000 pessoas a se pronunciar publicamente na Praça da Sé contra a ditadura, pela causa da liberdade e da constitucionalização.

O grupo da resistencia democratica continuava a arregimentar o povo, preparando-o para a reação contra a ditadura. A idéia da constitucionalização não era mais privativa de S. Paulo, ultrapassara as fronteiras do Estado. Assim, no Rio, defendendo a mesma idéia já funcionava o Clube 24 de Fevereiro, em oposição às "legiões revolucionarias" e aos "clubes outubristas", em que tramava contra a liberdade e se defendia a ditadura, e nos quais pululavam os defensores do totalitarismo, ao lado dos aventureiros e carreristas politicos. Era a epoca em que, no mundo, as forças totalitarias estavam em maré montante.

O comicio de 24 de fevereiro foi organizado, do ponto de vista ostensivo, pela Liga Paulista Pró-Constituinte, com o apoio de todas as classes sociais de São Paulo.

Por estranha coincidencia, como se os fados quisessem por à prova a sinceridade e a força das convicções libertarias dos paulistas, no dia 24 de fevereiro choveu a cantaros, como ocorrera a 25 de janeiro. Mas o povo não desertou à praça publica, para demonstrar de novo à ditadura sua disposição de lutar pela liberdade e pela Constituição.

Era um dia util, mas, novamente, por decisão espontanea e unanime, todos os estabelecimentos privados suspenderam suas atividades às 16 horas, a tempo de que seus empregados pudessem comparecer ao comicio, marcado para as 17 horas, na Sé.

Novamente, numa tentativa de intimidação, não faltaram os boatos ameaçadores, de repressão armada. A Força Publica estava nas mãos do miguelismo, inimigo dos constitucionalistas liberais de São Paulo. E a força federal respondia ao comando de um dos condestaveis do Governo Provisorio, rotulo encontrado pelos outubristas para disfarçar a ditadura que em 1930 implantaram no País.

Não faltaram, mais concretamente, manobras para dividir o povo. Assim, um comitê "anônimo" convocou um comicio de trabalhadores para a mesma hora, no Largo da Concórdia. Mas os operários de São Paulo não se deixaram iludir e deixaram a Concórdia de lado, preferindo manifestar-se na Sé.

Coube a Carlos de Moraes Andrade, o ardoroso advogado das causas populares, abrir a manifestação, inicialmente prejudicada por defeito nos alti-falantes, que nem por isso arrefeceu o entusiasmo.

Seguiu-se com a palavra um operário, que a solicitara, e cujo nome se perdeu. Os jornais da época registram a sua intervenção mas confessam que não lhe conseguiram o nome. Sua oração foi curta, mas enérgica e incisiva.

Falaram, depois: Armando Prado; Fabio de Camargo Aranha, pelo PD, José Cassio de Macedo Soares, pelas classes conservadoras; Antonio Pereira Lima, pela Liga de Defesa Paulista; Azevedo Lima, que viera do Rio para aqui representar o Clube 24 de de Fevereiro; o engenheiro Francisco Emigdio Fonseca Teles, pelas classes liberais; Ubaldo Costa Leite, pelos estudantes; René Veiga, pelas classes trabalhadoras; e Maximiliano Ximenez, pela Liga Paulista Pró-Constituinte.

Terminado o comício por volta das 19 horas, organiza-se o desfile pelas ruas do Centro. A multidão deixa a Praça da Sé, pela rua 15 de Novembro, João Briccola, Boa Vista, Largo São Bento, rua Líbero Badaró e Largo de São Francisco, indo dissolver-se defronte da estátua de José Bonifácio, o Moço — hoje recolhida ao saguão da Faculdade de Direito.

O ultimo orador, declarando encerrada a manifestação em nome da Liga Paulista Pró-Constituinte, foi João Gomes Martins Filho, hoje juiz de uma das varas da Justiça Federal neste Estado.

Com o comício de 24 de fevereiro, São Paulo dava mais um grande passo no caminho da revolução.

A REVOLUÇÃO E' IRREVERSIVEL

A ditadura, de acordo com pessoal caracteristica de seu chefe, procura ganhar tempo, em avanços e recuos. Repetindo manobra anterior, despacha para interventoria em São Paulo um velho paulista, que se destacara politicamente decadas antes como partidario do marechal Hermes da Fonseca quando todo o seu Estado lutava pela candidatura civil de Ruy Barbosa, politico que trocara a politica pela diplomacia: o embaixador Pedro de Toledo.

Assumindo em 7 de março, estranho ao quadro politico de seu Estado de que estava ausente há tanto, o interventor tentou inicialmente, sem resultado, conciliar os paulistas em torno da ditadura. O que de antemão era uma causa perdida, como veio ele a perceber logo.

A causa da liberdade ia crescendo, a ponto de titulares gauchos do governo ditatorial renunciarem a seus postos e, de regresso a seus pagos, transitando por São Paulo, estimularem os paulistas à revolução.

Aureliano Leite, que participou dos acontecimentos, sintetiza na "Historia da Civilização Paulista" o quadro:

"Aumenta-se a tensão dos espiritos na Capital e no interior, Conspira-se abertamente. O ditador não se mostra capaz de impedir o movimento contra a sua pessoa e o seu regime, que corrompem e amesquinham o Brasil, criando dentro das suas fronteiras um caudilhismo extemporaneo. Os proprios elementos getulianos não se entendem, acabando o general Miguel Costa por chocar-se com o general Gois Monteiro, um dos baluartes do ditador e comandante da 2.a Região Militar".

Pedro de Toledo, desistindo de reunir os paulistas em torno da ditadura, passa a preocupar-se com os destinos de seu Estado, pelo que a Frente Unica começa a trabalhar junto a ele pela substituição de seu secretariado, que era francamente simpatico ao regime ditatorial, por outro favoravel à revolução.

Era essa meta fundamental a atingir, para se fazer de S. Paulo a base do movimento pró-constitucionalização.

Povo volta à praça publica

Assim se chega ao dia de 13 de maio, em que os paulistas voltam à praça pública, em nova e gigantesca demonstração em favor da normalização da vida nacional pela reintegração do País no regime da lei. Promovem-na a Liga Paulista Pró-Constituinte e as demais entidades e associações empenhadas na campanha de constitucionalização.

Entre as faixas que se erguem na praça da Sé vê-se aquela em que está inscrito "Tudo pelo Brasil", a desmentir publicamente o separatismo, que alguns maliciosamente atribuem ao movimento paulista.

A manifestação se abre com os acordes do Hino Nacional e o primeiro orador é Ubaldo Costa Leite, representante do Centro Academico XI de Agosto, órgão dos estudantes da Faculdade de Direito. Seguem-se, com a palavra, Alfredo Giglio, do Gremio Politécnico, Romeu Lourenção, da Liga Pró-Constituinte, o professor Waldemar Ferreira, pelo Partido Democrático, Roberto Moreira, pelo Partido Republicano Paulista, Aureliano Leite, pelas classes liberais, e Manuel Carlos Ferraz de Almeida, também pela Liga.

Quando falava Aureliano Leite, chega à Sé uma delegação de operários, que vem protestar contra a prisão de companheiros, que estavam em greve. O fato inspira o discurso do último orador, o estudante Noé Gertel.

Termina o comício com Romeu Lourenção declamando versos patrióticos de Ibraim Nobre.

Novamente, ao desfilar pela rua Boa Vista, a multidão pára defronte da sede d"O Estado de S. Paulo" para aclamar o jornalista Julio de Mesquita Filho, que discursa de uma das sacadas do prédio. Fala, ainda, Romeu Lourenção.

Dali prossegue o desfile, até o largo de São Francisco, onde a multidão se dissolve. A participação popular foi maciça, com dezenas de milhares de manifestantes.

À medida que se agrava o caso paulista, o Estado marcha para a revolução. No dia 21 de maio, anunciou-se nesta Capital que, no dia seguinte, domingo, deixaria o Rio com destino a São Paulo o ministro da Justiça da ditadura, Oswaldo Aranha.

Entendeu-se aqui que Aranha vinha para pôr fim ao caso paulista da mesma forma por que a ditadura agira antes: depondo o interventor Pedro de Toledo e colocando em seu lugar um delegado de confiança da camarilha.

Essa notícia funcionou como catalisador das manifestações que se iniciaram nesta Capital no dia 22 e culminaram na jornada do dia 23, com a formação de um novo secretariado e com a morte de cinco jovens, as primeiras vitimas da causa, varados pelas balas assassinas dos partidarios da ditadura.

REAÇÃO

No dia 22, o "Estado", a respeito da vinda de Oswaldo Aranha, denuncia um estratagema da ditadura: anunciara-se que o ministro deixaria o Rio no dia 22 à noite, para chegar a São Paulo na manhã de 23, quando, na verdade, ele viajara na noite de 21.

Assim, pelo que se inferia, a 22 Aranha já estava em São Paulo, hospedado na Vila Kyrial, em Vila Mariana, residência de um seu parente, o antigo senador estadual Freitas Valle.

Desde que se tornara conhecida a vinda de Oswaldo Aranha, Julio de Mesquita Filho e Antonio Pereira Lima conceberam a idéia de promover uma manifestação popular contra a presença do homem da ditadura em S. Paulo.

Em reunião realizada no "Estado", os dois e mais Roberto Moreira redigiram um boletim, convocando o povo para essa manifestação de protesto. Dizia o boletim:

"Paulistas! Mais uma vez o ministro Oswaldo Aranha, como enviado especial do ditador, vem a São Paulo com o intuito de arrebatar ao povo paulista o sagrado direito de escolher os seus governantes.

"Mas o povo paulista, cuja paciencia não é ilimitada, não mais suportará tamanha afronta e humilhação.

"Tendo a consciencia do seu valor e da sua força, ele repele a indebita e injuriosa intromissão na sua vida politica, daqueles que estão conduzindo São Paulo e o Brasil à ruina total e à desonra.

"Para manifestar e impor a sua vontade, na reivindicação dos seus direitos e das suas liberdades, o povo de São Paulo reunir-se-á, hoje, às 15 horas, na Praça do Patriarca, em comicio, e decidirá, então, dos seus destinos dentro da comunhão nacional.

"Eia, pois, povo de São Paulo! E' chegada a hora da libertação e da vitoria".

Os termos da convocação patriotica deixam desde logo entrever a importancia decisiva dos acontecimentos que se iam seguir.

Havia que imprimir o boletim e difundi-lo, para que o povo comparecesse à praça publica. Surge, então, a primeira dificuldade. Onde imprimir o boletim, desde que não podia ser publicado, obviamente, pelos jornais?

A missão de imprimir o boletim e de difundi-lo na Capital foi então — informa Pereira Lima — entregue a outro companheiro de Julio de Mesquita Filho: Paulo Duarte, que a ela deu cabal cumprimento.

Conseguiu ele que o convite ao povo fosse impresso em uma tipografia da rua Brigadeiro Tobias, pertencente a Irmãos Ferraz. O estabelecimento, em virtude de mandado judicial, estava fechado, com as portas lacradas. Seus proprietarios, porém, não hesitaram em romper os selos e, assim, ali se imprimiu a convocação, depois espalhada pela Capital.

O domingo

Numerosa multidão acorreu domingo, à tarde, a Praça do Patriarca, atendendo à convocação patriotica. A's 15 horas, com a praça tomada pelo povo, iniciou-se a manifestação, com o estudante de direito José Eugenio Branco Lefevre subindo ao lampadario para discursar contra a ditadura.

Falaram, a seguir, no mesmo tom: João Gomes Martins Filho, José Bonifacio Ferreira, Pereira de Souza, Benedito Costa Neto, Victor Freire, Albino Machado Sobrinho, Joaquim Eugenio de Lima Neto e outros.

Enquanto o povo se manifestava na praça, grupos de estudantes percorriam os cinemas, lendo a convocação patriotica e exortando os assistentes a reunirem-se aos manifestantes. Um desses grupos, por volta de 17 horas, ocupou a Radio Sociedade Record, que tinha sua sede na Praça da Republica, difundindo o boletim pelo radio.

Na Praça do Patriarca, prosseguia o comicio, já agora com os oradores dispondo de alto-falantes. Foi então que tomou a palavra o promotor publico Ibrahim Nobre, uma das glorias da oratoria paulista. Com palavras candentes, denunciou a fraude da revolução de 1930 e as manobras do ditador que procurava ganhar tempo, definindo, com precisão, a politica de Getulio Vargas no caso paulista: "procrastina, e tempera, e adia, e engaveta, e tapeia".

Ibrahim termina com uma saudação às forças da Policia estadual e do Exercito e convida o povo a que o acompanhe aos respectivos quartéis, para confraternizar com os soldados.

NA 2.a R.M.

Após falarem outros oradores, a multidão, seguindo os dirigentes da Frente Unica e os estudantes que carregavam as bandeiras, encaminhou-se para o quartel-general da 2.a Região Militar, na rua Conselheiro Crispiniano, depois de ter percorrido em passeata as ruas do centro.

No quartel, as autoridades militares federais receberam uma comissão, de que fazem parte Antonio Pereira Lima, Ibrahim Nobre, Aureliano Leite e Silvio de Campos.

Ibrahim Nobre volta a discursar, repelindo a pecha de separatismo, que se atirava aos paulistas:

"Acoimam-nos de separatistas. Mentira! A ditadura é que procura separar-nos do Brasil, numa odiosa exceção. Invadiu-nos, alterou visceralmente a nossa vida, deu estranhos rumos aos nossos destinos, desfez-nos a prosperidade, empobreceu-nos, ultrajou-nos".

E mais adiante:

"Aqui estamos numa jornada de confraternização. Ou vocês, soldados, estão conosco, e recebem-nos, e acolhem-nos, ou não estão e, neste caso sejam sinceros e mandem atirar e matar-nos, pela simples culpa de não querermos ser escravos".

Segue-se a confraternização, com soldados jogando flores sobre o povo. Em nome do coronel Avila Lins, que responde pela Região na ausencia do general Gois Monteiro, fala o capitão Gastão Goulart. Afirma que a guarnição federal não é, como não poderia ser, contra São Paulo. E termina dizendo que, mais uma vez se confirmava o determinismo historico de que falava Oliveira Viana, a saber, que é São Paulo que há de governar o Brasil.

Dali, o povo seguiu para o quartel-general da Força Publica, na avenida Tiradentes, onde a recepção foi diferente. Embora a maioria dos oficiais da milicia estadual formassem no movimento contra a ditadura, o comando e os postos de relevo estavam nas mãos dos miguelistas, partidarios da ditadura, inimigos da causa da constitucionalização e que não desistiam de ver o poder entregue, em São Paulo, a seu chefe.

Diante dos portões fechados, a multidão estaca. Para serem atendidos, Ibrahim Nobre, Pereira Lima e Breno Ferraz têm de trepar nos portões, de onde falam com o major Mario Rangel.

Após parlamentarem, conseguem que uma comissão seja recebida pelos milicianos. Compõem-na aqueles três e mais Silvio de Campos, Aureliano Leite e Otavio Lima Camargo. Na ausencia do comandante geral, coronel Juvenal de Campos Castro, recebe a comissão o tenente-coronel Elisiario Paiva.

A comissão expunha os objetivos da sua visita quando ocorre lamentavel incidente: um destacamento do Regimento de Cavalaria da Força Publica, unidade comandada pelo irmão de Miguel Costa, investe sobre a multidão inerme e passa a espaldeirar os manifestantes desarmados.

Continua na página seguinte

Primeiros grupos

A conspiração contra a ditadura — conta Antonio Pereira Lima — começou como todas as conspirações: pela formação de grupos de civis dispostos a lutar.

Pereira Lima, que figurara entre os derrotados de 1930, foi um dos primeiros a conspirar em S. Paulo, com oficiais da Fôrça Publica, com os quais mantinha relações em virtude dos cargos anteriormente exercidos na organização policial do Estado.

E partiu dele a iniciativa de aproximar-se de seu amigo e antigo companheiro da Faculdade de Direito, Julio de Mesquita Filho, pondo este no segredo da conspiração.

Desde então, quem afirma é o próprio Pereira Lima, o diretor do "Estado" assumiu a liderança civil da articulação revolucionária. A seu lado permaneceu Pereira Lima, numa íntima e estreita relação de fraterna amizade e companheirismo, que perdurou pela vida afora, sem hiatos.

Recordando os fatos de memória, Pereira Lima diz que, depois de formado o primeiro grupo de resistentes — "por assim dizer um batalhão" — logo mais dois se formaram, por iniciativa de Herman de Moraes Barros e de Francisco Alves dos Santos Filho.

Juntamente com o general gaucho Isidoro Dias Lopes — militar de prestígio entre os liberais paulistas — Julio de Mesquita Filho organizou uma espécie de comando da revolução que se urdia, do qual faziam parte — é o antigo diretor da Guarda Civil e primeiro delegado auxiliar de São Paulo quem enumera — ele, Pereira Lima, o professor Pacheco e Silva, Aureliano Leite, Prudente de Moraes Neto, Silvio de Campos e Carlos Nazareth. Esse comando cuidava da articulação revolucionária em geral e em especial nesta Capital. A mobilização no interior do Estado ficou a cargo de outro membro do Comando, Cesário Coimbra.

Claro é que esses grupos e esse comando não eram organizações abertas, tinham de funcionar clandestinamente, nas sombras e nos bastidores. A ação ostensiva, notória, de preparação psicologica e de mobilização da opinião publica, sem o apoio da qual nada se poderia fazer, exercia-se através de uma série de entidades civico-patrioticas. Entre estas, recordam-se a Liga Paulista Pró-Constituinte e a Liga de Defesa Paulista.

Não é de se esquecer que também participaram ativamente dessa ação as entidades representativas das classes liberais e conservadoras, como o Instituto dos Advogados, o Instituto de Engenharia, a Sociedade de Medicina e Cirurgia, a Associação Comercial. E, ainda, os estudantes, pelos seus centros academicos, encabeçados pelos das Faculdades de Direito, Escola Politecnica e Faculdade de Medicina.

PRIMEIRA MANIFESTAÇÃO

O ano de 1932 se inicia com São Paulo clamando pela constitucionalização do País, no plano nacional, e pelo respeito á sua autonomia devolvendo-se a administração do Estado a um paulista e civil, no plano estadual. Era o "caso paulista", para usar a expressão da época.

Nesse quadro de arregimentação democratica pela liberdade contra a ditadura, os que se organizavam para lutar promoveram uma primeira manifestação publica no dia 25 de janeiro, em que a Capital do Estado comemorava mais um aniversario de sua fundação.

Cerca de 100.000 pessoas, como o comprovam as fotografias da época estampadas pelos jornais, afluiram á praça da Sé, para ouvir a palavra de liberdade.

O tom popular da manifestação é uma de suas principais caracteristicas. O dia 25 caiu numa segunda-feira. Para permitir que todos comparecessem á praça publica, os estabelecimentos comerciais e industriais encerraram voluntariamente suas atividades ás 16 horas. Apesar do mau tempo, pois choveu forte é todo o dia, apesar dos rumores ameaçadores propagados pelos partidarios da ditadura, o povo compareceu em massa á praça da Sé.

As faixas que ali se erguiam eram expressivas: "Constituição e Ordem", "São Paulo unido exige a Constituição", "Deixemos as lutas intestinas", "Tudo por São Paulo", "S. Paulo aos paulistas".

Em todo o centro da cidade, batidas pelo vento e pela chuva, drapeavam bandeiras de 13 listras. A cidade respirava uma atmosfera de fervor civico-patriotico.

Coube a Tacito de Almeida, em nome da Liga de Defesa Paulista, dar inicio ao comicio, passando a palavra ao primeiro orador, o professor Almeida Junior — um dos luminares da Educação entre nós — que falou em nome da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Pelo Instituto da Ordem dos Advogados discursou, a seguir, o criminalista A. A. Covello; pelo Instituto de Engenharia, Ranulpho Pinheiro Lima, pelos estudantes da Faculdade de Direito, Dario Ribeiro Filho, pela Liga Paulista Pró-Constituinte, Romeu de Andrade Lourenção, e pela Liga de Defesa Paulista, o poeta Guilherme de Almeida.

DR. OLAVO EHMKE
OTOLOGISTA. Cirurgia de surdez-timpano-plastias. R. Marquês de Itú, 306, 4.º andar. Telefones: 34-5257 e 34-0682.

Há 40 anos São Paulo desafiava Vargas

Continuação da página anterior

Dentro do quartel, em face da torpeza da agressão, revoltam-se os membros da comissão. Na violencia da reação destaca-se Silvio de Campos, conhecido pela sua valentia pessoal, que saca de um revolver e investe contra os oficiais da milicia de arma na mão. Revidam os oficiais, arma-se a confusão, vindo todos para a rua. Mais gritos, mais tiros e, afinal, graças à intervenção de um oficial, os cavalarianos se retiram.

A MILICIA APOIA O POVO

Na edição de segunda-feira do 'Diario da Noite", o capitão Odilon Aquino de Oliveira, apontado como oficial de prestigio na milicia, esclareceria:

"São deveres deploraveis as ocorrencias ontem (domingo) verificadas no quartel-general da Força Publica. Entretanto, a atitude infeliz dos oficiais que procuraram impedir pela força, as livres manifestações do povo paulista, não interpreta o sentimento da Força Publica. Esta, neste momento de apreensões e perigos para a familia paulista, está inteiramente ao lado do povo, que a mantêm, e da guarnição federal, que, decidida e patrioticamente, se colocou ao lado de São Paulo.

"As selvagerias de ontem são o reflexo de uma mentalidade inferior e facciosa, que pretendia, inutilmente, avassalar a Força Publica, desvirtuando a sua missão, para pô-la ao serviço do caudilhismo, em má hora implantado em S. Paulo depois do movimento revolucionario de 1930.

"Mas a Força Publica não só não fez causa comum, como está repelindo, com energia, aqueles que pretendiam submetê-la a instrumento de uma facção politica que está assalariada pelos inimigos de São Paulo e da nação".

O oficial dizia mais que a Força Publica já escolhera seu caminho naquela luta entre "as forças representativas do patrimonio moral e material dos paulistas e os elementos da desordem, representados por comunistas insinceros e aventureiros vulgares". E anunciava que na corporação surgira e se concretizara a idéia do lançamento de um manifesto de apoio ao poder civil e á causa de São Paulo. Revelou o capitão os termos do manifesto e informou que só não tinha sido dado à publicidade a pedido do interventor Pedro de Toledo

PROMESSA DE SOLUÇÃO

Do quartel-general da Força Publica, a multidão se encaminhou para o Palacio dos Campos Elíseios, onde foi acolhida pelo proprio interventor Pedro de Toledo, que veio ao terraço. Enquanto o povo se esparrama pelos jardins do Palacio, uma comissão se achega ao interventor.

A' frente vai Ibrahim Nobre, cujo verbo de novo troveja!

"Sou promotor da Justiça. E' por isso que eu acuso a revolução. Acuso-a com as agravantes de seu crime: a surpresa, o disfarce, a traição. Surpreendeu-nos a boa fé; disfarçou-se de liberdades; e apunhalou-nos pelas costas".

Pediu ao interventor então, que se definisse, esclarecendo se estava com os paulistas ou se estes deveriam começar abrir trincheiras nas ruas.

Pedro de Toledo prometeu que até segunda-feira o "caso paulista" estaria resolvido. Julgava estar em condições de resolvê-lo, mas, se não pudesse, não hesitaria em deixar o cargo. Pelo que pedia ao povo que se dispersasse e aguardasse até o dia seguinte.

Assim, ao fim da jornada de 22 de abril, a causa de São Paulo, que era a da liberdade e da reintegração do País na ordem constitucional, conquistara valiosas adesões: a da guarnição federal e da milicia estadual.

Ademais, Pedro de Toledo prometera formalmente solver o caso paulista em 24 horas, renunciando se não o fizesse.

O processo começava a ganhar impulso, velocidade, força. A situação começava a ganhar contornos nitidos, com o povo desafiando abertamente a ditadura nas ruas, demonstrando que não pretendia parar e que iria mais longe ainda.

"Correio da Tarde", invadiram a redação e depredaram o que encontraram. Logo depois, outro jornal "A Razão", sofria identica represalia. O Clube 3 de Outubro só não foi atacado em virtude de intervenção do general Isidoro Dias Lopes.

Casas de armas da rua Boa Vista e da rua Libero Badaró foram invadidas, armando-se os manifestantes de revolveres e espingardas. Assim armados e municiados, dirigiram-se os manifestantes para a praça da Republica, esquina da rua Barão de Itapetininga.

No predio n.o 70 desta via, estava instalada a sede do PPP, o partido de Miguel Costa, oriundo da famigerada Legião Revolucionaria, formada de outubristas, esquerdistas, oportunistas, partidarios da ditadura de Vargas e inimigos da causa da constitucionalização do País.

Dispostos os manifestantes na praça da Republica com armas leves e de curto alcance, constituiam, alvo facil para os "legionarios" do PPP, postados a dominante, dentro da sede do partido e dispondo de fusis de guerra.

Bombeiros chamados, porque se ateara fogo no predio do PPP, não puderam aproximar-se e retornaram a seu quartel, prosseguindo o tiroteio, que foi pela madrugada afora, durante horas.

Enquanto se lutava na praça da Republica, na Central de Policia apresentou-se o secretario do PPP, Mauricio Goulart, exigindo garantias, sendo atendido pelo prof. Waldemar Ferreira e Aureliano Leite. Os três deixaram aquela repartição, porém, logo mais de novo todos retornavam. O diretor do Gabinete de Investigações, delegado Braulio de Mendonça Filho, acompanhado de policiais, tentou chegar ao local do conflito, mas também não conseguiu.

Afinal, na Secretaria da Justiça se resolveu que os sitiados receberiam garantias para deixar o predio, que seria ocupado pela Força Publica. Mas, os milicianos enviados para o local não puderam aproximar-se.

Entrementes prosseguia o tiroteio, violento, de parte a parte, lançando-se até granadas de mão.

Somente com o aumento da força policial e com a presença de contingentes do Exercito é que se conseguiu pôr fim ao conflito. A's 4 e 15 da madrugada do dia 24, protegidos pela policia e sob as vaias da multidão, os "legionarios" do PPP deixavam o local.

Na praça, ficavam os cadaveres das duas primeiras vitimas das balas da ditadura, às quais outras logo se iriam juntar. Era o primeiro sangue vertido pela mocidade de São Paulo, na luta pela liberdade e pela constituicionalização do País, em 1932.

A jornada de 23

As manifestações de protesto prosseguiram em São Paulo, na segunda-feira, dia 23 de maio de 1932. Os estudantes declararam-se em greve e passaram a manhã convocando o povo, por toda a capital, para um comicio marcado para a tarde, em que os paulistas continuariam a reivindicar seus direitos. O comicio se iniciaria ás 15 horas.

Atendendo a apelo da Associação Comercial, todos os estabelecimentos cessaram suas atividades ás 14 horas, a demonstrar, mais uma vez, que os paulistas sobrepunham os interesses da comunidade aos pessoais.

A partir do meio-dia, o povo começou a afluir ao largo de São Francisco, de onde, ás 14 horas, partiu um cortejo, desfraldada á cabeça a bandeira paulista, com destino á praça do Patriarca.

Ali, o entusiasmo era enorme. Entre outros, discursaram o professor Alfredo Ellis Junior, Walfrido Prado Guimarães e os estudantes José Eugenio Branco Lefevre, José Dias Menezes e José Bonifacio Ferreira.

Findos os discursos, os manifestantes cantaram o Hino Nacional e a seguir desfilaram pelas ruas centrais.

FORMA-SE NOVO SECRETARIADO

Mas a jornada não terminara. Boa parte da massa popular dirigiu-se ao Palacio dos Campos Elisios, pois o interventor prometera solução para aquele dia. Ali, com o interventor, já se encontravam próceres da Frente Unica — Francisco Morato, Altino Arantes, Ataliba Leonel, Manfredo Costa, Roberto Moreira — quando eis que chega o prof. Manoel Vilaboim, que dá noticia do que se passava no centro, dizendo que a multidão passara a descarregar suas armas para o ar.

Pouco antes das 17 horas, a massa chega ao Palácio. Pedro de Toledo manda abrir os portões e os manifestantes se derramam pelos jardins. Ninguém os contem. Clamam contra prisão de Ibrahim Nobre — boato que estava circulando — e exigem uma Constituição.

Para acalmá-los, fala Altino Arantes. Depois é Morato quem, de uma janela, informa que Ibraim Nobre não foi preso e que ninguém será. E acrescenta que está prestes a ser formado o novo secretariado.

A notícia é recebida sob estrondosa aclamação. São Paulo marcara um ponto. Logo se tornam conhecidos os nomes:

Justiça, Waldemar Ferreira; Educação, Rodrigues Alves Sobrinho; Viação, Fonseca Teles; Agricultura, Francisco Junqueira; Fazenda, Armando de Salles Oliveira (logo depois substituído por Paulo de Moraes Barros); Departamento de Administração Municipal, Joaquim de Abreu Sampaio Vidal; e prefeito da Capital, Gofredo da Silva Teles. Para a chefia da polícia foi escolhido mais tarde, o professor Vicente Rao.

POSSE

O tempo se passava, mas o povo não abandona o Palacio, embora já anunciado o novo governo, cujos membros tomariam posse no dia seguinte, às 11 horas.

Foi então que se começaram a ouvir tiros de revolver, espaçados, depois amiudando-se. Antonio Pereira Lima, em meio à confusão, consegue chegar perto de Pedro de Toledo e lhe diz que o povo, ali concentrado, exige que a posse dos novos secretários seja imediata.

Na impossibilidade prática de atender, o interventor consegue que o povo se contente com a posse de um secretário, ao menos. O escolhido foi o professor Waldemar Ferreira, que consultado, marca sua posse para às 9 horas da noite.

Só então é que a massa se resolve a deixar os Campos Elísios.

NO PATEO DO COLEGIO

Espalhada a noticia de que o novo secretario da Justiça tomaria posse às 21 horas, o povo acorreu ao Pateo do Colegio, inteiramente tomado a partir de 20 e 30.

Acompanhado de Paulo de Moraes e a pé, Waldemar Ferreira chega à Secretaria pouco antes da hora, recebido sob as aclamações da multidão, que depois acolhe com vaias Silva Gordo, que lhe vai transmitir o cargo.

No seu discurso, o ex-secretario, alegando ter-se mantido à margem da politica em sua gestão queixa-se da hostilidade com que era ali recebido. E depois sai sob estardecedora assuada.

Um dos primeiros decretos expedidos é o da nomeação do tenente-coronel Julio Marcondes Salgado para o comando da Força Publica, assim definitivamente posta ao serviço da causa constitucionalista. O novo comandante assume o posto naquela mesma noite.

NO "ESTADO

Vencida aquela batalha, a multidão entregou-se a uma serie de manifestações de jubilo nas ruas da cidade, às quais não faltaram abusos, lamentaveis mas compreensiveis, ante o que São Paulo vinha suportando desde a outubro de 1930.

Um grupo de manifestantes dirigiu-se, cêrca das 22 horas, para a rua Boa Vista, para uma demonstração de aplausos e apoio ao "Estado" e a seus diretores.

Falou o estudante Albino Machado Sobrinho, tendo respondido Julio de Mesquita Filho. O jornalista salientou o significado e a importancia da jornada civica que findara e para cujo sucesso haviam contribuido, com sua solidariedade com o povo, a guarnição do Exercito e a Policia estadual. Acabou erguendo vivas ao Exercito e à Força Publica.

Por ultimo, da sacada da redação do jornal, discursou o estudante Angelo Bourroul Sangirardi, concitando os manifestantes a dispersarem-se e a recolherem-se.

TIROTEIO

Todavia, a jornada não se encerrara e ia acabar em sangue. Outros grupos de manifestantes dirigiram-se à sede do jornal

As primeiras vítimas

Os primeiros cadaveres recolhidos pela Assistência Publica foram os de Euclides Bueno Miragaia e de Antonio Americo de Camargo Andrade, que jaziam nas imediações da praça.

Durante o tiroteio, foi atingido por uma rajada o jovem Mario Martins de Almeida, imediatamente removido para a Policia Central, aonde porém já chegou morto.

Entre os feridos, atendidos pela Assistencia, estavam Orlando de Oliveira Alvarenga e Drausio Marcondes de Souza — este um menino de 14 anos — que vieram a falecer mais tarde em consequencia dos ferimentos.

Ficaram ainda feridos e foram socorridos pela Assistencia Publica: Ignacio Cruz, Sebastião Bernabé Vergueiro, Paulo Ribeiro, Moacir de Oliveira, João Batista de Oliveiro Vilho, Emilio de Almeida, Sebastião Alves de Oliveira, Francisco Antonio Valente, Manuel Jacinto Lessa, Domingos Nobrega Filho, todos manifestantes da Praça da Republica. No ataque ao jornal localizado na rua José Bonifacio ficara ferido Pascoal Orbite.

Essas foram as vitimas registradas pela Policia, admitindo-se que outras não tenham procurado a Assistencia Publica.

Orlando Alvarenga, que veio a morrer mais tarde, sofreu um ferimento perfuro-contuso, por projetil de arma de fogo, na região lombar, determinando paraplegia. E Drausio, que veio a morrer de peritonite dias mais tarde, apresentava ferimento perfuro-contuso com orificio de entrada na fossa iliaca esquerda e de saida na fossa iliaca direita.

A idade das vitimas da Praça da Republica — mortos e feridos — variava de 14 anos (Drausio) a 39 (Sebastião B. Vergueiro). Pertenciam elas a todas as classes sociais: estudantes, comerciarios, fazendeiro, advogado, cartorario, copeiro, açougueiro. Duas residiam no interior: Mario Martins de Almeida, em Sertãozinho, e Emilio de Almeida, em Jardinopolis.

Traços biográficos

MARIO MARTINS DE ALMEIDA: — Nasceu em São Manoel, Estado de São Paulo, no dia 8 de fevereiro de 1901. Era filho do coronel Juliano Martins de Almeida e de d. Francisca Alves de Almeida, e irmão de João Batista Martins de Almeida, Juliano Martins de Almeida Filho, Galeano Martins de Almeida, casado com d. Maria Sampaio Martins, d. Alice Martins de Almeida Pannain, casada com Luiz Alberto Pannain; d. Guiomar Martins de Almeida Sampaio, casada com Manoel Sampaio de Barros Junior e d. Vera Martins de Almeida Amaral, casada com Alvaro do Amaral.

Foi estudante do Mackenzie College, tendo terminado seus estudos sob a direção do professor Alberto Kullman. Era fazendeiro em Sertãozinho, estando, no dia 23 de maio de 1932, em São Paulo, de passagem, em visita a seus pais. Foi sepultado no cemiterio da Consolação, e trasladado, em 1955, para o Monumento-Mausoleu ao Soldado Constitucionalista de 1932, no Ibirapuera.

EUCLIDES BUENO MIRAGAIA: — Nasceu em São José dos Campos, no dia 21 do mês de abril de 1911. Era filho de José Miragaia e de d. Emilia Bueno Miragaia. Deixou os seguintes irmãos: Dionisia Miragaia Carmine, Maria Aparecida Miragaia, Joaquim Bueno Miragaia, Benedita Bueno Miragaia e Ivino Bueno Miragaia.

Foi aluno da Escola de Comercio Carlos de Carvalho, de onde se passou, no terceiro ano, para a Escola de Comercio Alvares Penteado. A 23 de maio de 1932, quando foi ferido e morto, era auxiliar de um cartorio em São Paulo. Em 1955, foi trasladado para o Monumento-Mausoleu ao Soldado Constitucionalista de 1932, no Ibirapuera, Capital.

DRAUSIO MARCONDES DE SOUZA — O mais jovem. Pouco mais que uma criança. Homem pelo sentimento. Patriota como poucos. Nasceu à rua Bresser, na cidade de São Paulo, no dia 22 de setembro de 1917, filho de Manuel Otaviano Marcondes de Souza, farmacêutico, e de d. Otilia Moreira da Costa Marcondes. Ferido no dia 23 de maio de 1932, a despeito dos cuidados de seus pais e seus parentes, nada foi possível fazer à sua saude. Em seu leito de dor, animando sua mãe, Drausio, numa conformação apenas não admirável porque partia de seu espírito heróico, dizia: "Eu estava destinado para este sacrifício. Se mil vidas tivesse, todas elas daria pela causa da liberdade da terra que me viu nascer". No dia 23 de maio, à uma hora e cinquenta minutos, falecia de uma peritonite. Ao baixar seu corpo à sepultura, no jazigo da familia, no cemitério da Consolação, falaram um representante da Liga Paulista Pró-Constituinte, o sr. João Felizardo Junior e, por ultimo, seu progenitor, o sr. Manoel Otaviano Marcondes de Souza. Deixou os seguintes irmãos: Ivone, Carlos, Jofre, Danilo (hoje membro do Conselho Federal da OAB) e Darele Marcondes de Souza.

ANTONIO AMERICO DE CAMARGO ANDRADE — Nasceu no dia 3 de dezembro de 1901. Filho de Nabor de Camargo Andrade e de d. Hermelinda Nogueira de Camargo. Era casado com d. Inaiah Teixeira de Camargo e deixou três filhos: Clesio, Yara e Hermelinda.

Era irmão de Cyro de Camargo Andrade e de d. Laura e Rita de Camargo Sampaio Ferraz.

Em 1955 foi trasladado para o Monumento-Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 32, no Ibirapuera.

ORLANDO DE OLIVEIRA ALVARENGA — Nasceu em Musambinho, Estado de Minas, no dia 18 de dezembro de 1899. Era filho de Osório Alvarenga e de d. Maria Oliveira Alvarenga. Deixou viuva d. Amita do Val e um filho de nome Oscar. Irmão de Antonio Alvarenga, residente em Rio Preto.

Seu falecimento deu-se no dia 12 de agosto de 1932, num quarto do Hospital Santa Rita, para onde fora conduzido depois de ferido gravemente durante as ocorrências do dia 23 de maio.

Exercia as funções de escrevente juramentado. Acha-se sepultado no Monumento-Mausoléu ao Soldado Constitucionalista.

MMDC

Das 5 vitimas, 4 tiveram seus nomes imortalizados na sigla MMDC, identificadora da organização que começou como uma sociedade secreta, assim funcionando até o 9 de Julho, quando passou a ser o grande órgão central da mobilização de São Paulo.

As iniciais da sigla identificam

MARTINS, MIRAGAIA, DRAUSIO, CAMARGO.

Por uma ironia da sorte, o nome de Alvarenga ficou à margem. Era o único não paulista, mineiro de nascimento. E, dos baleados do 23 de maio foi o último a morrer.

Ao lado da MMDC, funcionam outras sociedades semelhantes, mas aquela preponderou sobre todas as demais.

Os primeiros membros da MMDC foram: Silvio de Campos, Paulo Nogueira Filho, Prudente de Moraes Neto, Carlos Nazareth, Francisco Mesquita, Antonio Pereira Lima, Francisco Alves dos Santos Filho, Edgard Batista Pereira, Alberto Americano, Joaquim de Abreu Sampaio Vidal, José André Teles de Matos, Moacir Barbosa, Waldemar Silva, Antonio Carlos Pacheco e Silva, capitão Antonio Pietscher, Cesário Coimbra, Bernardo de Morais, Roberto Victor Cordeiro, Jorge de Souza Rezende, Braulio dos Santos, Breno Ferraz, Julio de Mesquita Filho, Aureliano Leite, Gastão Saraiva e Herman de Moraes Barros.

Compuseram sua primeira direção: Edgard Batista Pereira, Gastão Saraiva e Aureliano Leite, este substituindo Paulo Nogueira Filho.

Significado e importância

Os fatos, acima resumidos e singelamente narrados, falam por si. Não há necessidade de comentá-los. É evidente a importância que tiveram no processo revolucionário que estava em marcha, desde que consumada a traição aos ideais que tinham inspirado o movimento de 1930 — ao menos no que concerne aos paulistas que o apoiaram — e processo que passou à fase das operações bélicas em 9 de julho de 1932.

Nas ruas desta Capital, o povo desafiou abertamente a ditadura nas jornadas que culminaram no 23 de maio, demonstrando que os paulistas não temiam lutar pela liberdade e pela constitucionalização de sua terra, não temiam lutar pela reintegração do País na normalidade legal, pondo-se fim à situação de excepcionalidade, criada pela ditadura caudilhesca do homem da fronteira.

Movimento genuinamente popular, o que alguns detratores procuram negar, por ignorância ou por má fé, expressão da eterna e irrefreável vocação de São Paulo para a liberdade, conduzido por homens que acreditavam — e sempre acreditaram — nos ideais de liberdade, paradigma dos quais é Julio de Mesquita Filho — campeão da causa democrática no Brasil — o 23 de maio representou a hora decisiva em que a revolução constitucionalista se tornou irreversível.

Viriam os paulistas a ser batidos na guerra, esmagados pela superioridade numérica nas hostes da ditadura. Cairam de armas na mão, mas as idéias não se derrotam pela força bruta. Vencidos, foram vencedores: sua causa triunfou, a idéia constitucionalista avassalou todo o País e a ditadura teve de convocar eleições e a Constituinte reintegrando-se o Brasil, em 1934, na liberdade e na lei, ainda que por pouco tempo, o que, no entanto, é outra estória.

CLÍNICA PAULA SANTOS
NARIZ — OUVIDOS — GARGANTA
CIRURGIA DA SURDEZ
TELEFONE: 81-9223
Dr. Horácio de Paula Santos — CREMESP 2.348 —— Dr. Sérgio de Paula Santos CREMESP 3.754
ALAMEDA JAÚ, 1.767 — 1.o ANDAR
Consultas: das 9 às 11 e das 14 às 17 horas - exceto aos sábados

CIM
CONTRATO DE INVESTIMENTO MENSAL
VALOR SUBSCRITO DESDE 29-7-68 ATÉ:
19/05/72
Cr$ 4.167.735.696,00
Valor da Quota em 1-7-68 Cr$ 1,00
Valor da Quota Hoje 19/05/72 Cr$ 2,56
Valor da Quota com Reaplicação Cr$ 3,74
UNI UNIÃO NACIONAL DE INVESTIDORES
ADMINISTRADA PELO
BANCO DE INVESTIMENTOS UNIVEST S.A.
UNIVEST S.A.
DISTRIBUIDORA NACIONAL DE TITULOS E VALORES MOBILIARIOS
SÃO PAULO - RUA DA QUITANDA, 114
TELS. 37-0161 e 36-6921

ÁGUAS DE LINDÓIA
O MELHOR LUGAR PARA O PRÓXIMO FERIADO
O HOTEL MAJESTIC lembra que o próximo Corpus Cristi cai numa 5.a feira.
E você poderá passar 4 dias de inteiro descanso, com completo abastecimento de água mineral.
O HOTEL MAJESTIC tem suites, apartamentos carpetados e com musica ambiente, piscina, play-ground e televisão.
Reservas em São Paulo: Rua Lopes de Oliveira, 343 — Barra Funda — Tels.: 51-1246 e 52-8835.

Experimente o whisky que é o orgulho de uma família muito orgulhosa.
Experimente Abbey, o whisky da família Cinzano.
Uma família orgulhosa bastante para fazer um whisky que não passe vergonha perto das outras marcas de whisky
Mas não tão orgulhosa a ponto de não pedir que você compre uma garrafa.
Aliás, na hora de fabricar o whisky Abbey, até que esta família é bem humilde: ela sai da Itália, atravessa o Canal da Mancha e vai buscar, em Glasgow, o único malte digno de respeito.
O malte da Escócia.
Depois que Abbey fica pronto, porém, aquele velho orgulho italiano aparece outra vez.
Só para dar uma idéia: quando os Cinzano recebem na sua mansão de Turim, que whisky você pensa que eles servem aos convidados?
Royal Salute? Swing? Antiquary?
Não. Eles servem Abbey.
E não é porque Abbey custa menos, palavra de honra.
Portanto, se esse whisky entra naquela casa, pode perfeitamente entrar na sua: porque em matérias de bebidas, ninguém engana um Cinzano.
Abbey, da Cinzano.

Esta máquina cancela, data, numera, autentica, protocola e codifica.
American Bank Equip. C.O.
Representante exclusivo e assistência técnica
CAUTELA
Máq. de Assinar e Proteger Ltda
R. Cotoxó, 143 - Tel.: 62-2180
CP 6564 - S. Paulo

ENGORDE SEUS LUCROS.
Cuide você mesmo de seu "gado". Aplique seus incentivos fiscais diretamente e receba na hora uma bonificação sôbre o que você aplicar. Venha conhecer nossos diretores. Bater um papo. Você verá como é fácil engordar seus lucros.
MAFRA SA AGRO-PECUÁRIA
Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 2344 - conj. 26 - Tel.: 288-4925 - São Paulo
Projeto aprovado pela SUDAM
Res. n.º 46.933/69

FINASA-BRASIL S.A.
FINANCIAMENTO, CRÉDITO E INVESTIMENTOS
Comunica que suas TAXAS MÁXIMAS de crédito ao consumidor, ou usuário final, obedecem aos seguintes coeficientes:
• 6 meses..... 184,59
• 12 meses..... 99,97
• 18 meses..... 71,77
• 24 meses..... 57,67

O primeiro dia de conversações segundo os russos

GUEORGUI ISSATCHENKO
Da Agencia "Novosti"
Especial para "O Estado"

O avião de Richard Nixon desceu no aeroporto Vnukovo-2 da capital sovietica às 16 horas, hora de Moscou. O presidente norte-americano foi recebido por altos dirigentes do Estado Sovietico, entre os quais o presidente do Presidium do Soviet Supremo da União Sovietica, Nikolai Podgorny, e o presidente do Conselho de Ministros da União Sovietica, Alexei Kosigin.

No aeroporto encontravam-se, também, muitos jornalistas sovieticos e estrangeiros. Aos correspondentes que já estavam em Moscou para cobrir a visita de Nixon juntaram-se, duas horas antes da chegada do avião do presidente, mais 182 jornalistas norte-americanos.

Terminada a cerimonia de recepção, transmitida a cores pela televisão, Nixon dirigiu-se em uma caravana de automoveis para o Cremlin, onde ficará hospedado durante a visita. À noite, o visitante e sua mulher foram homenageados com um banquete no Grande Palacio do Cremlin pelo Presidium do Soviet Supremo e pelo governo. Compareceram ao banquete Leonid Brezhnev, Alexei Kosigin, Nickolai Podgorny e outros dirigentes sovieticos.

REUNIÃO

Antes do banquete, Nixon e Brezhnev tiveram uma reunião de duas horas, mostrando que as duas partes têm consciencia da enorme importancia do encontro entre os dirigentes dos Estados Unidos e União Soviética.

Os jornalistas foram em onibus do aeroporto para o centro da cidade. Como sempre acontece nesses casos, reinava uma atmosfera bastante animada nos veiculos e as conversas, de uma forma ou de outra, versavam sobre as proximas reuniões entre os dirigentes dos dois países.

Existem muitos problemas que exigem solução nas relações entre sovieticos e norte-americanos. A agenda oficial da reunião ainda não foi divulgada, mas muitos admitem que incluirá o problema da limitação das armas estrategicas. Não resta duvida de que, caso se chegue a um acordo nesse campo, será possivel evitar um novo passo na corrida das armas nucleares, liberando verbas de grande monta para fins construtivos.

Além disso, um bom desfecho das conversações sobre armas estrategicas influiria, sem duvida, na aprovação futura de outras medidas ligadas ao desarmamento, de carater bilateral e multilateral.

Existem também outros campos com grandes possibilidades potenciais como o comercio e a colaboração na exploração do Espaço, que, na opinião de muitos, já evoluiu ao ponto de serem debatidos pelos dirigentes dos Estados Unidos e União Soviética.

Naturalmente deve-se levar em conta que obter acordos onde durante muitos anos houve por vezes desconfiança e hostilidade não é facil, sobretudo quando se considera que continuam a guerra de agressão na Indochina e o conflito do Oriente Medio. Muita coisa irá depender da forma como os participantes das conversações encararem a situação atual.

A imprensa sovietica deu destaque à reunião no dia 19 de maio, do plenario da Comissão Central do Partido Comunista da União Soviética, quando Brezhnev apresentou relatorio sobre a situação internacional. No sistema das relações internacionais, a União Sovietica se guia pelos principios leninistas de coexistencia pacifica dos países de regimes sociais diferentes. Daí a busca de caminhos para a solução pacifica das divergencias também com os Estados Unidos, o maior dos países capitalistas.

O fim do período de confrontos - uma velha aspiração

ALEXANDER SULLIVAN
Correspondente da Casa Branca
Especial para "O Estado"

MOSCOU — Há três anos, o presidente Nixon preconizava o fim da era dos confrontos que, intermitentemente, ameaçavam a paz internacional desde o termino da Segunda Guerra Mundial, insistindo em um novo tipo de relações que resultariam de uma era de negociações e da busca mutua de uma formula de paz por Washington e Moscou.

Indo além da exortação, o presidente converteu essa busca de novas relações no aspecto dominante e na força propulsora de seu governo.

Esta semana, o presidente Nixon sentar-se-á com Leonid Brezhnev à mesa de conferencias do Salão Catarina — uma das esplendidas salas de reuniões do grande palacio do Cremlin — onde serão dados os primeiros passos para estabelecer o "novo caminho" das relações sovietico-americanas.

Caberá aos historiadores a tarefa de determinar até que ponto terão sido significativos esses passos, mas não pode haver reservas sobre o aspecto de marco historico que assume a semana do presidente Nixon em Moscou.

SIGNIFICADO

Sua presença no Cremlin significa que Washington e Moscou foram, pelo menos parcialmente, bem sucedidos na tentativa de descobrir um metodo diferente de conduzir os negocios externos.

Segundo observou o presidente em mensagens sobre a politica externa norte-americana, as tensões da "guerra fria" não resultaram da incompreensão, mas de condições concretas que afetam "o âmago das questões de segurança e bem-estar dos dois países".

O presidente sabia que a melhora do "clima" de relações entre a Casa Branca e o Cremlin não seria suficiente para proporcionar a mudança fundamental que desejava introduzir nos assuntos internacionais.

O problema era mais complexo e resultava da diplomacia tradicional aplicada por Washington e Moscou ao tratarem com muitas areas do mundo nas quais a politica internacional de cada nação entrava em atrito com a das outras.

Na mensagem de 1970 às Nações Unidas, o presidente disse que era preciso superar "os velhos padrões da politica de força, com os quais as nações procuravam explorar todas as situações passageiras em seu proprio beneficio, ou extrair o maximo de vantagem para si mesmas de qualquer negociação".

Compreendendo que as questões que dividiam Washington e Moscou eram "reais e graves", o presidente tentou conciliá-las por meio de "acordos concretos sobre problemas especificos" que provocavam tensões, e avançar além desses acordos para um "novo caminho" de cooperação na busca mutua da paz.

RESULTADOS INICIAIS

A paciente sondagem das intenções soviéticas realizada por Nixon começou a dar resultados, primeiro em confidencial troca de idéias com os líderes soviéticos, e mais tarde no discurso que Brezhnev dirigiu ao Congresso do PCUS, em março de 1971. Nixon disse considerar esse discurso uma aceitação, pelos líderes soviéticos, do convite existente em suas observações na mensagem à ONU.

Durante o ano de 1971, surgiram outros indícios de que um novo conjunto de normas internacionais podia tornar-se realidade — em maio, o presidente anunciava um progresso quanto ao conceito das conversações sobre limitação de armas estratégicas, e em agosto, as quatro potências envolvidas nas conversações de Berlim chegavam a um acordo sobre o acesso à dividida cidade.

Fizeram-se progressos também em outras negociações — sobre assuntos espaciais, medicina, questões marítimas, comércio. Em outubro, Nixon e Brezhnev anunciaram seu plano de conferenciar em Moscou no mês de maio.

PROCESSO CONTINUADO

A era de negociações iniciada por Nixon será, certamente, um processo continuado, mas a conferência de Moscou parece ressaltar o fato de que a União Soviética chegou à mesma conclusão do presidente, ou seja, a necessidade de alterar os velhos métodos de conduzir a política externa.

Certamente há aspectos que a conferência de cupula não poderá alterar. Subsistirão as divergencias ideológicas, como subsistirá a concorrência militar e econômica, e cada uma das duas potências continuará a defender seus interesses nacionais.

Contudo, o presidente declarou: "Esperamos e estamos preparados para demonstrar moderação na defesa de tais interesses. Esperamos o reconhecimento do fato de que o progresso geral de nossas relações transcende, em importancia, a espécie de pequenas vantagens que só podem ser obtidas fazendo perigar a cooperação entre nossos dois países".

Nixon em Moscou prevê era de paz

MOSCOU — O presidente Richard Nixon declarou ontem nesta capital que, embora acredite que poderá firmar acordos de importancia com os lideres soviéticos, o ponto básico de suas conversações é que elas abrem caminho para uma nova era nas relações de paz entre duas grandes e poderosas nações. Nixon fêz estas declarações durante um banquete que lhe foi oferecido pelo Cremlin e no qual os soviéticos procuraram amenizar o clima de frieza que caracterizou sua chegada ao aeroporto de Vnukovo.

Se a recepção no aeroporto foi fria, o gelo foi quebrado dentro das Muralhas do Cremlin. Breznev interrompeu o coquetel que estava sendo oferecido a Nixon, convocou-o para uma reunião e com ele conversou a sós durante 90 minutos. Segundo um porta-voz norte-americano, as conversações entre ambos foram "práticas e francas". O presidente Podgorny, ao discursar durante o banquete garantiu a Nixon que os soviéticos tudo farão para justificar as esperanças suscitadas pelo inicio das conversações.

A era de negociações

"As conversações que realizaremos esta semana em Moscou, podem provar que começou a era das negociações entre as duas mais poderosas nações do mundo. O povo norte-americano deseja a paz. Sei que o povo sovietico também deseja a paz. Confio firmemente que, como representantes de nossos dois povos, possamos trabalhar juntos para assegurar que todos os povos da terra possam desfrutar as bençãos da paz". Foi o que declarou o presidente Nixon, durante o banquete que lhe foi oferecido ontem nos salões de gala do Cremlin pelos lideres sovieticos.

Num apelo á paz, Nixon afirmou: "Devemos reconhecer que as grandes potencias nucleares têm a solene responsabilidade de atuar com moderação em qualquer crise e adotar uma ação positiva para evitar um confronto direto. O grande poder é acompanhado de uma grande responsabilidade. E' precisamente quando o poder não é acompanhado de uma grande responsabilidade que a paz é ameaçada. Que nosso poderio seja sempre empregado para a manutenção da paz, nunca para violá-la".

O presidente evocou a seguir os tempos de estreita colaboração sovietico-americana durante a II Guerra Mundial, afirmando: "Aqui, como camaradas de armas, russos e americanos se reuniram para elaborar de maneira conjunta algumas das mais importantes decisões da II Guerra, estabelecendo uma exemplar colaboração, que levamos tempo demais para repetir em tempos de paz".

"Aqui, esta semana, nós nos reuniremos dentro das mesmas muralhas para juntos elaborarmos medidas e tomarmos decisões que ajudem a construir o caminho da paz em todo o mundo". Sem mencionar o Vietnã, mas numa clara alusão ao papel que os sovieticos desempenham como fornecedores de armas ao Vietnã do Norte, Nixon afirmou: "Em beneficio da paz, deveriamos reconhecer aqui que também é responsabilidade das grandes potencias influir sobre outras nações em conflitos ou crises, para moderar a sua conduta".

ARMAS

"Devido ao fato de estarmos dispostos a proceder com base na igualdade e respeito mutuo, podemos fazer agora com que a cooperação pacifica seja uma realidade. O mundo concentra sua atenção na possibilidade de iniciarmos a limitação das armas estrategicas, já que, pela primeira vez na historia, duas nações estão dispostas a impor restrições a um conjunto de armas mais aperfeiçoadas".

"Um acordo neste campo — prosseguiu — poderia significar o inicio de um processo no qual União Sovietica e Estados Unidos dessem as costas á corrida armamentista e se orientassem para atividades mais pacificas. As perspectivas de cooperação economica, a colaboração na exploração do espaço, o combate ás doenças e a melhoria do meio ambiente poderiam também servir de ponto de partida para outras negociações".

E concluiu: "Devo salientar, contudo, que não nos vamos reunir com os dirigentes sovieticos com a exclusiva finalidade de fazer acordos, embora acreditemos que isto ocorrerá. Nós nos reuniremos para abrir caminho a uma nova era nas relações entre duas grandes e poderosas nações. Se os negociadores nas reuniões de cupula adotarem uma atitude positiva, outros problemas poderão ser resolvidos em outras partes do mundo. Jamais dois povos enfrentaram um desafio maior ou uma meta mais grandiosa. Sejamos dignos das esperanças do povo sovietico, do povo norte-americano e de todos os povos da terra, trabalhando juntos para a construção de um mundo de paz".

No aeroporto, apenas recepção protocolar

MOSCOU — O presidente Richard Nixon desembarcou ontem no aeroporto de Vnukovo pouco antes das 13 GMT para uma visita oficial de nove dias à União Sovietica. Foi recebido pelo presidente Nikolai Podgorny e pelo primeiro-ministro Alexei Kossigin. O secretario-geral do Partido Comunista, Leonid Brezhnev, não compareceu ao aeroporto para receber o visitante, que teve uma acolhida estritamente protocolar.

O avião presidencial **The Spirit of 76** pousou na terminal onde estavam hasteadas as bandeiras dos Estados Unidos e da União Sovietica. Pela ordem, desembarcaram Pat Nixon, o presidente, o secretario de Estado William Rogers e o conselheiro presidencial Henry Kissinger. Podgorny e Kossigin aproximaram-se do aparelho. Nixon sorria, mas os lideres sovieticos limitaram-se a apertar-lhe as mãos, numa acolhida cordial mas pouco entusiasta.

Nos saguões do aeroporto, de 300 a 400 operarios e estudantes sovieticos, especialmente trazidos pelas autoridades, obedientemente agitavam bandeiras sovieticas e americanas, aplaudindo o visitante. A cerimonia oficial começou quando a mulher de Podgorny entregou a Pat Nixon um ramalhete de rosas vermelhas. Neste momento, uma banda militar passou a executar o hino nacional dos dois países.

Após os ultimos compassos, Nixon destacou-se do grupo, caminhou em direção ao porta-bandeira da guarda de honra, deteve-se, fêz uma ligeira reverencia e passou em revista a formação. Em seguida, acompanhado de sua mulher, Nixon cumprimentou as autoridades presentes: o ministro da Defesa, marechal Andrei Gretchko; do Comercio Exterior, Nikolai Patolichev; da Cultura, Katerina Furtseva e o presidente da Academia de Ciencias, Mistilav Keldych. Nixon cumprimentou em seguida os representantes do povo sovietico e os parentes dos diplomatas norte-americanos acreditados em Moscou.

A cerimonia, transmitida ao vivo pelo radio e pela televisão, durou exatamente 20 minutos. Nixon viajou os 27 quilometros que separam o aeroporto do Cremlin num **Zill 117**, orgulho da industria automobilistica sovietica.

Povo acuado

Alguns observadores calculam que mais de 100 mil pessoas se postaram ao longo da avenida Lenin para ver a passagem do presidente. Mas eram rostos inexpressivos e poucos saudaram ou aplaudiram Nixon. Em alguns trechos, os populares estavam encostados ombro a ombro, mas afastados quase 50 metros da rua, aparentemente por ordem da policia.

Seja como for, a velocidade a que passaram os carros da comitiva presidencial — media de 100 quilometros horarios — impediu que o povo sovietico visse ou aplaudisse o visitante. Os observadores notaram ainda que não foram disparadas as 21 salvas de canhão que são protocolares, que os caças da Força Aerea não escoltaram o avião presidencial quando este entrou no espaço territorial sovietico e que a de honra estava a cargo da VIII Guarnição de Moscou, ao invés do corpo militar do Cremlin.

Um funcionario sovietico explicou: "E' preciso compreender que nós não temos relações especiais com os Estados Unidos. Tudo depende do que acontecer nos proximos dias. E' possivel que a partida do presidente seja muito mais cordial que a sua chegada".

O compromisso russo

O presidente Nikolai Podgorny disse ontem, no brinde que propôs ao presidente Nixon, que "os dirigentes soviéticos farão todos os esforços necessarios para as conversações que se iniciam suscitam, nos dois países e no mundo".

"A União Soviética — disse — trabalha pela defesa da paz, com o objetivo de evitar, às gerações presentes e futuras, a ameaça de uma guerra e as desventuras de um conflito nuclear. Somos favoraveis à liquidação de todos os focos de guerra no mundo".

O presidente do Soviet Supremo afirmou que o desejo dos soviéticos é melhorar e desenvolver as relações entre Moscou e Washington e que a diferença de sistemas sociais de ambos os Estados, e a divergencia de suas posições em alguns setores da politica mundial "criam serias complicações".

"Não eliminaremos essas dificuldades — acrescentou — mas há fatores objetivos que determinam interesses comuns, bem como a necessidade, para os Estados Unidos e para a União Soviética, de afastar os perigos de uma guerra, suprimindo as sequelas da guerra fria e afastando das relações entre os dois países, tudo o que no passado as complicou".

"A experiencia nos mostra — continuou — que todas as vezes em que temos conseguido, por nossos esforços conjuntos, equilibrar razoavelmente os interesses de nossos dois países e dos demais países interessados, abriram-se possibilidades para a solução de conflitos e de situações de crise aguda, ajustando tratados internacionais importantes".

Podgorny concluiu afirmando que a cooperação entre os Estados Unidos e a União Soviética e a melhoria das relações entre os dois países sempre serviram à causa da paz, acrescentando: "Esperamos que as conversações soviético-americanas contribuam para a solução de problemas internacionais e para o bem de nossos povos, e dos povos de todos os países; em suma, para o bem da paz mundial".

ANFITRIÃO

Fumando um charuto e exibindo um belissimo alfinete de gravata com enorme brilhante, Leonid Brezhnev, o secretario-geral do Partido Comunista da União Soviética, foi o verdadeiro e perfeito anfitrião do banquete oferecido ao presidente Nixon.

O banquete foi servido num salão de teto baixo, com quatro grandes candelabros de bronze e paredes cobertas de murais e afrescos com cenas biblicas e historicas. Brezhnev, tranquilo e impecavelmente vestido, conversou "franca e cordialmente" com o presidente Nixon, segundo fontes da delegação norte-americana. O presidente Nixon, de terno azul e gravata azul-marinho, sentou-se na cabeceira da mesa, entre Leonid Brezhnev e o primeiro-ministro Alexei Kossigin.

'Pravda': visita reduz tensões

O jornal **Pravda** — órgão oficial do Partido Comunista da União Soviética — classificou a visita do presidente Nixon a Moscou de "essencial para o fortalecimento da paz mundial", reiterou o apoio soviético aos povos da Indochina e do Oriente Médio e, finalmente, advertiu Pequim de que Moscou "manterá uma ativa resistência à luta divisionista e antileninista dos líderes chineses", não tolerando a mínima violação do território soviético.

"A visita do presidente Nixon — afirma o jornal — constitui um acontecimento perfeitamente de acordo com os interesses do socialismo e da garantia da paz mundial. A União Soviética vê esta visita com seriedade e realismo. Considera util também a expansão de suas relações com os Estados Unidos o que tornará possível — sem que nos distanciemos de nossos princípios — iniciar uma era de cooperação mutuamente vantajosa para o relaxamento das tensões, o bem dos povos de ambos os países e para o fortalecimento da paz mundial".

Depois de ressaltar que os objetivos básicos da política soviética continuam sendo a luta pela paz e cooperação internacionais e defesa do socialismo ante o imperialismo, o jornal afirma: "Em suas relações internacionais, a União Soviética é guiada pelo princípio leninista da coexistência pacífica, que advoga a solução pacífica e política dos problemas internacionais".

E insiste: "Isto explica a nossa constante procura de caminhos que conduzam à solução pacífica dos conflitos, inclusive daqueles que separam a União Soviética do mais poderoso país capitalista do mundo: os Estados Unidos".

CHINA E' CRITICADA

O **Pravda** recordou a seguir os violentos incidentes fronteiriços que fizeram descer a seu mais baixo nível as relações sino-soviéticas, há três anos, advertindo: "Os soviéticos rejeitam energicamente e sem descanso qualquer tentativa que possa prejudicar os interesses de sua pátria. Sabem que as linhas divisionista e antileninista dos líderes chineses contrariam na Asia a política soviética de defesa da segurança coletiva".

Quanto ao Vietnã, o jornal dá a entender que o Cremlin não forçará Hanói a modificar sua atitude. "Os combatentes comunistas na Indochina — afirma — estão perto da vitória tanto pelo seu valor como pelo apoio que lhes emprestam a União Soviética e outros países socialistas e progressistas do mundo". O **Pravda** omite, contudo, qualquer referência ao bloqueio dos portos norte-vietnamitas e à intensificação dos bombardeios. Pede, a seguir, uma solução pacífica para os conflitos no Sudeste da Asia e Oriente Médio.

No mesmo tom, a **rádio Moscou** afirmou: "Esperamos muito da visita do presidente Nixon a Moscou, mas a melhoria das relações soviético-americanas não pode ser conseguida às expensas de outros países. A União Soviética e os Estados Uniods devem carregar a responsabilidade de salvaguardar a paz". Em sua edição de ontem, sem comentários, o **Pravda** publicou a fotografia de Nixon em uma coluna, ilustrando uma curta biografia na qual afirma que o presidente visitou a União Soviética em 1959, quando era vice-presidente. Não mencionou, contudo, as duas visitas que Nixon fez a Moscou em caráter particular, em 1965 e 1967.

Radiofoto UPI

Em Salzburgo, manifestações de protesto que Nixon não viu

Áustria, apenas 36 horas

SALZBURGO, Austria — O presidente Richard Nixon não chegou a ver nenhuma das manifestações de protesto contra a sua presença no país e contra a participação norte-americana na guerra do Vietnã, durante as 36 horas em que permaneceu na Austria, a caminho das "negociações mais difíceis e intensas" de que já participou na vida, segundo ele proprio declarou à imprensa, em entrevista que concedeu no castelo Klessheim.

Vinte e cinco manifestantes — na maioria estrangeiros — figuram feridos e três foram presos durante os choques que ocorreram na noite de domingo, durante manifestações de protesto das quais participaram milhares de pessoas, em Viena e em Salsburgo. A polícia esclareceu que pode haver mais feridos, porque muitos não se apresentaram aos dispensários para atendimento médico. Entre eles, destaca-se o escritor Robert Jungk, de 50 anos e autor do livro "Mil vezes mais brilhante que o Sol", a respeito da primeira bomba atômica norte-americana, lançada em Hiroshima.

Peter Jungk, de 19 anos e filho do escritor, relatou à **United Press International** — UPI — que seu pai e outros manifestantes, os quais abandonaram a pista do aeroporto de Salzburgo, quando o avião presidencial **Spirit of 76** lá pousou, no sábado, foram violentamente atacados pela polícia. O escritor recebeu três pauladas na cabeça e foi internado para tratamento.

Ronald Ziegler, porta-voz do presidente Nixon, disse que ele nada viu dessas manifestações, acrescentando que "para o presidente, elas não traduzem corretamente os sentimentos do povo austríaco".

ALMOÇO

Domingo, o presidente Nixon deixou o castelo **Klessheim** — antiga residência do imperador Francisco José I em que ficou hospedado — dirigindo-se ao hotel **Kobenzel**, no alto de uma montanha próxima de Salzburgo, onde foi homenageado com um almoço, pelo primeiro-ministro Bruno Kreisky.

No castelo, que foi visitado por aproximadamente 300 turistas, o presidente desprezou as severas medidas de segurança adotadas pela polícia austríaca e por seus guardas pessoais, cumprimentando pessoalmente, dezenas deles. Em dado momento, Nixon apanhou a máquina fotográfica de uma menina, entregando-a para um de seus guardas de segurança. A seguir, posou com a menina, enquanto o guarda tomava uma foto.

Depois do almoço, o presidente concedeu uma rápida entrevista coletiva à imprensa. Nessa oportunidade declarou: "Estou ansioso para iniciar em Moscou as negociações mais intensas sobre questões específicas de que jamais participei".

O presidente passou o domingo estudando os relatorios especialmente preparados por seus assessores diretos e por agencias especializadas do governo norte-americano, a respeito dos diversos assuntos de primordial importancia que debaterá com os dirigentes russos, durante sua estada de oito dias na União Sovietica.

FILOSOFIA

Em conversa com os jornalistas, o assessor presidencial Henry Kissinger, referiu-se à questão mundial da guerra e da paz, ressaltando que os Estados Unidos acreditam que a paz só será lograda mediante uma **detente** entre Washington e Moscou. Kissinger acha que a reunião de cupula de Moscou poderá levar o mundo á tranquilidade.

Posteriormente, o chanceler Bruno Kreisky declarou aos jornalistas: "Pelo que conversei com o presidente Nixon, estou convencido de que é sua firme intenção, alcançar a paz no Sudeste da Asia".

Durante o almoço que ofereceu ao presidente, Kreisky afirmara que "a reunião de cupula de Moscou será um dos acontecimentos politicos mais importantes das ultimas decadas".

E Nixon aproveitou para acrescentar: "Um dos nossos principais objetivos será tentar obter progressos para o dia em que todos os países do mundo, não importa se grandes ou pequenos, terão o direito de escolher a sua propria maneira de viver".

No fim do almoço o presidente norte-americano revelou que aceitou um convite do chefe do Governo austriaco para visitar a Austria oficialmente, sem revelar a data prevista. Em fins de outubro deste ano Kreisky será recebido por Nixon, em Washington, quando visitar os Estados Unidos para falar perante a Assembléia Geral das Nações Unidas.

O presidente e sua comitiva deixaram Salzburgo ontem, ás 11 e 20 GMT, rumo a Moscou, onde chegaram ás 15 horas. No aeroporto, de Salzburgo, cerca de três mil pessoas acenavam para Nixon, no momento em que desceu do automovel. Novamente, o presidente apertou as mãos de muitos populares, sendo calorosamente aplaudido. "Estou preparado — disse minutos antes de embarcar — e não me sinto cansado. Tenho muito trabalho a frente, mas em nenhum momento deixei de estudar pormenorizadamente os assuntos que serão debatidos em Moscou".

tosse
bronquite
rouquidão
XAROPE
SÃO JOÃO
ALIVIO RÁPIDO
PROD. DO LAB.
ALVIM e FREITAS
S. A.

auto-rádio
PHILIPS
ASSISTENCIA TÉCNICA
AUTORIZADA e revenda
com preços
especiais
MOTO TAPE
ATENDEMOS REVENDEDORES
Rua Joaquim Floriano, 839 a 845 - Itaim - São Paulo

Problema nas SALT

HELSINQUE — Enquanto o presidente Richard Nixon inicia suas conversações com os dirigentes soviéticos, em Moscou, continua sem solução um dos pontos mais importantes da agenda da reunião de cupula: a limitação de armas estratégicas. As delegações dos Estados Unidos e da URSS continuam encontrando dificuldades, nesta Capital, para chegar a um entendimento nas conversações para a limitação de armas estratégicas — SALT. Fontes ligadas à conferência revelaram que, no domingo e ontem, foram realizadas várias reuniões das comissões técnicas e mantidos contatos entre as delegações. Acrescentaram que o acôrdo "está quase concluído", mas ainda precisam ser esclarecidos alguns pormenores técnicos relativos às armas ofensivas.

Segundo os informantes, não pode ser afastada a possibilidade de que as negociações continuem durante e até mesmo depois da visita do presidente Richard Nixon à URSS. Deram a entender, porém, que, nesse caso, as reuniões plenárias poderão ser suspensas temporariamente, devido à ausência dos chefes das delegações — Gerard Smith, da norte-americana, e Vladimir Semyonov, da soviética — que viajarão para Moscou nas próximas horas para participar das conversações entre Nixon e os dirigentes russos.

PROBLEMAS

Os informantes revelaram que fo praticamente concluído um acordo limitando os foguetes antibalísticos (ABM), acrescentando que os problemas técnicos que continuam pendentes poderão ser examinados posteriormente, numa fase mais adiantada.

Negaram-se, no entanto, a revelar que tipos de problemas ainda necessitam ser debatidos pelas duas delegações. Os observadores acreditam que o maior obstáculo seja constituido pelo sistema de detecção de radar e sua utilização para que uma parte possa controlar a outra, sabendo se ela cumpre ou não o acordo sobre limitação de armas estratégicas. O acordo já virtualmente alcançado, de acordo com os informantes, refere-se a limitação dos mísseis antibalísticos a um numero determinado, que seria colocado em torno das áreas militares mais importantes dos dois países. No entanto, as partes estão interessadas em chegar, paralelamente, a um acordo provisório sobre as armas estratégicas ofensivas.

As duas superpotências vêm mantendo conversações secretas para conter a corrida armamentista nuclear há dois anos e meio. As reuniões, que começaram em Helsinque, em 1969, vêm-se repetindo a intervalos regulares nesta Capital e em Viena.

A duvida de Kissinger

SALZBURGO, Austria — O conselheiro presidencial norte-americano Henry Kissinger disse domingo, nesta cidade, que não há certeza absoluta de que o acordo entre Estados Unidos e União Sovietica sobre a limitação de armas estrategicas possa ser assinado durante as conversações entre o presidente Richard Nixon e os dirigentes russos, em Moscou. Falando à imprensa, Kissinger disse que espera que o acordo seja concluido num futuro imediato, existindo a possibilidade de que seja assinado durante a visita de Nixon a Moscou, esta semana. Ressaltou, porém, que continua sem solução uma questão de principio importante, além de uma serie de complexos pormenores tecnicos. Apesar da insistencia dos jornalistas, Kissinger não quis revelar de que questão de principio se trata, nem falar sobre os pormenores tecnicos.

Kissinger falou oficialmente, mas sob o entendimento de que suas palavras não seriam citadas textualmente. O proprio Nixon manifestou, na ultima sexta-feira, a esperança de que a reunião de cupula com os dirigentes sovieticos pudesse servir para se chegar a um acordo a respeito da limitação das armas estrategicas. Em Washington, porta-vozes oficiais vêm dizendo que não há data definitiva paar a assinatura do acordo, mas que as partes têm a esperança de que isso possa acontecer durante a visita de Nixon a Moscou.

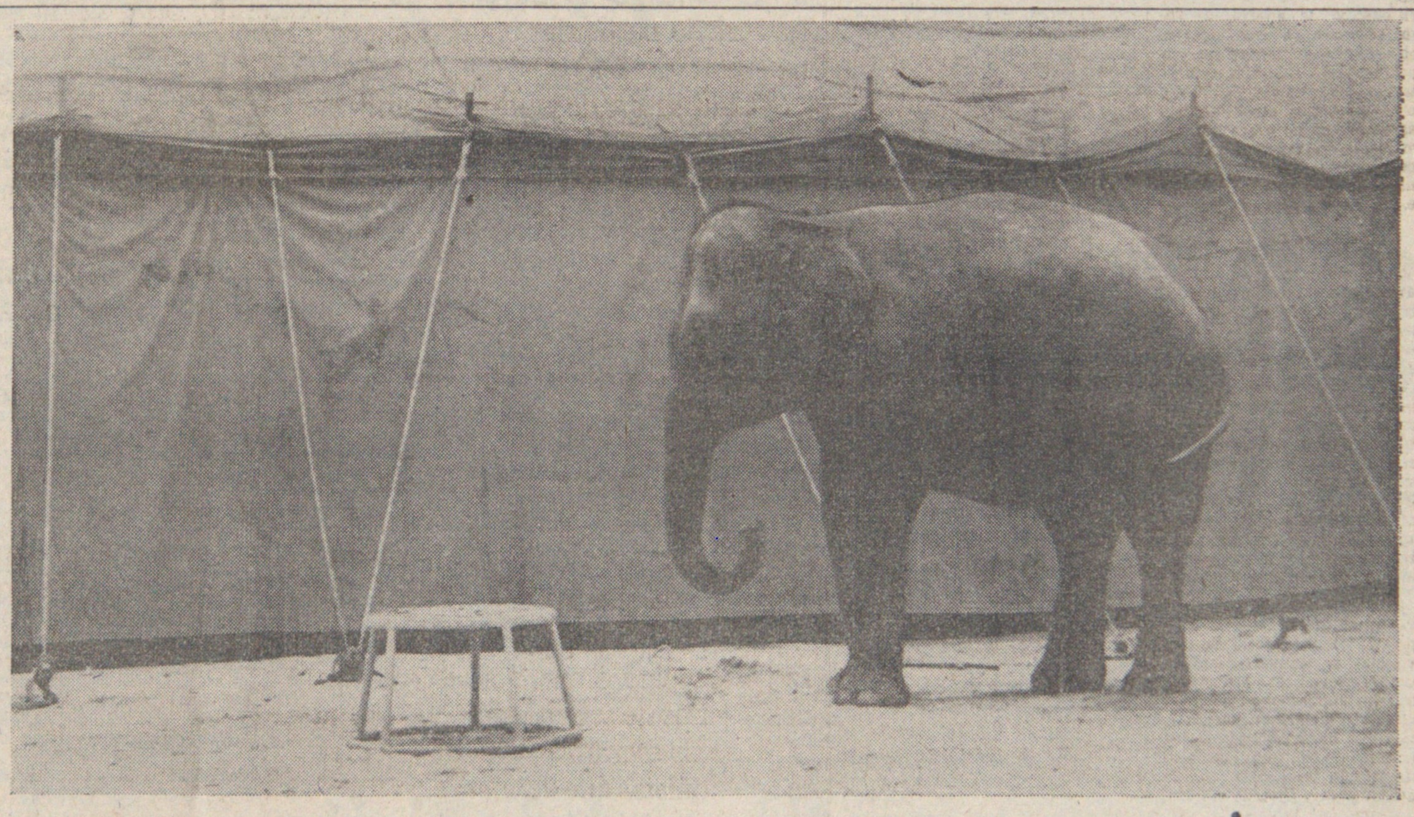
Segundo Kissinger, só existem 50 por cento de possibilidades de que o acordo seja assinado esta semana. O conselheiro presidencial norte-americano acrescentou, porém, que os dois países chegarão proximamente a esse acordo. "Essa demora — ressaltou — é devida à extrema complexidade do problema e não à má vontade das partes".

Os observadores interpretaram o fato de Kissinger ter aludido concretamente aos problemas ainda não resolvidos como uma forma de preparar a opinião publica para a possibilidade de o acordo não ser assinado em Moscou. "Os armamentos nucleares norte-americano e sovietico — disse — dificilmente podem ser comparados. Mais avançadas tecnicamente, as armas norte-americanas são, no entanto, de pequeno calibre. As sovieticas, ao contrario, são mais rudimentares, mas de calibre muito mais pesado".

Kissinger disse também que a aproximação sinio-americana não é feita contra Moscou, manifestou satisfação pelo acordo das quatro potencias sobre Berlim e apresentou a reunião de cupula de Moscou dentro de um contexto necessario à paz mundial. Ressaltou que as ações norte-americanas continuarão no Vietnã durante as conversações de Moscou e esclareceu que os Estados Unidos não comunicaram antecipadamente à URSS a decisão de minar os portos norte-vietnamitas. Afirmou que uma paz justa e duradoura no Sudeste Asiatico interessa ao mesmo tempo aos norte-americanos e sovieticos.

CHEGOU A COLA FORTE DE 30 MINUTOS.
ADEUS COLAS DE 24 HORAS.
Agora você não precisa mais esperar 24 horas para colar. Cascopox Super-Rápido cola em 30 minutos o que as outras colam em 24 horas: madeiras, porcelanas, mármores, cristais.
Tudo o que você imaginar em materiais não flexíveis.
Cole com
CASCOPOX
SUPER-RÁPIDO
A COLA DEFINITIVA
Na embalagem vermelha e amarela.
1-ADESIVO Cascopox SUPER-RÁPIDO
2-ENDURECEDOR Cascopox
um produto de qualidade ALBA
Rua Conselheiro Nébias, 14 - 12.º andar
Telefone: 220-4011 - São Paulo

CONCURSO VESTIBULAR
FACULDADE INTERAMERICANA
MANTIDA PELO
INSTITUTO PAULISTA DE ENSINO SUPERIOR
FUNDADO EM 1969
ESCOLAS SUPERIORES
Inscrições abertas até 24 de junho
ANÁLISE DE SISTEMAS
— Formação de profissionais especializados na área de Computadores Eletronicos, Organização e Métodos.
COMÉRCIO EXTERIOR
— Formação de profissionais qualificados, para Importação, Exportação e Gerência de Comércio Internacional.
Inscrições abertas até 27 de maio
FINANÇAS E INVESTIMENTOS
— Formação de profissionais habilitados para Administração Financeira de entidades Publicas, Privadas, Bancos de Fomento e Desenvolvimento, Finanças Internacionais e Mercado de Capitais. Os portadores de diploma superior: Economia, Engenharia e Administração, poderão matricular-se no 3.º ciclo.
PROBLEMAS BRASILEIROS
— Formação de professoras de Educação Moral e Cívica, para o ensino do 1.º e 2.º grau e Estudos de Problemas Brasileiros no Ensino Superior. Os licenciados em Filosofia Pura, Ciênc. Sociais, História, Geografia, Ciências Jurídicas, Pedagogia e cursos afins, poderão matricular-se no 3.º ciclo.
Programas e informações detalhadas, favor dirigir-se à Rua Estela, n.º 22, ou Rua Eça de Queiros, n.º 75 — Paraiso — (esquina com a Rua Domingos de Morais) diariamente das 9 hs. às 21 hs. ou pelos tels.: 71-5896 — 70-2743, inclusive aos sábados.



TRATAMOS SUA MERCADORIA COMO GENTE.
Talvez você nunca pense em importar um elefante da África.
Mas se algum dia resolver montar um circo ou comprar um jardim zoológico, não vai ter o menor problema com um ou três elefantes. Pelo menos na alfândega.
Êles vão receber o mesmo tratamento que recebem os motores, máquinas, produtos químicos e tudo que passa pelas nossas mãos, antes de entrar ou sair do país.
Trabalhamos com Importação e Exportação nas alfândegas de Santos, Rio, Congonhas e Viracopos.
Retirando encomendas e fazendo despachos para o mundo inteiro.
Nosso serviço de desembaraço de mercadorias é tão rápido, que resolvemos tôda a papelada em 48 horas.
Você não tem despesa com armazenagem. Os 120 profissionais que trabalham em nossos escritórios, são os que mais entendem de alfândega no Brasil.
E para quem está acostumado a lidar com todo tipo de carga há 25 anos, um elefante ou dez macacos não fazem a menor diferença.
DEICMAR
Despachos Aduaneiros, Assessoria e Transportes
São Paulo - Rua Senador Paulo Egídio, 72
2.º andar - cj. 210 - Caixa Postal: 2470 e 3494
Santos - Campinas - Rio de Janeiro.